

*O sujeito em estado limite*

Jean-Jacques Rassial

Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000

## **Depressão, perversão e distorção: os limites extemporâneos do sujeito**

Tatiana Carvalho Assadi

A clínica contemporânea indaga o psicanalista e solicita teorizações para questões muito diversas daquelas que o século XIX enfrentou. Os sintomas são outros – ou talvez os mesmos, mas com outras roupagens e assujeitamentos peculiares – indicando organizações psíquicas diferentes das estruturas inicialmente propostas pela teorização freudo-lacanianiana.

Jean-Jacques Rassial, em sua prática com adolescentes, enfrenta essas intempéries e depara-se com as considerações de André Green para pensar no estado limite como uma das soluções para essa problematização. Calcado numa abordagem lacanianiana, o renomado autor provoca o leitor produzindo uma nova concepção à idéia de limite – esta inserida, defendida e ao mesmo tempo rechaçada no campo psicanalítico.

Mas de que *limite* se trata? O estado de *limite* do analista frente às novas subjetividades e aos casos inclassificáveis da psicanálise? O conceito de *limite* é turbulento, sobretudo quando nada é dito sobre uma tipologia psíquica de um analisando. De maneira geral, essa idéia é utilizada indiscriminadamente e sem critérios. Diante disso, o autor estabelece uma crítica rigorosa do que é atualmente considerado estado limite (sem hífen) de forma a propor uma clínica e uma teorização específicas para essa psicopatologia.

Inicia seu trajeto pela perspectiva discutida e apresentada anteriormente por Freud e Lacan – o *Pai* em sua função estruturante para

um sujeito. Conceito de difícil apreensão e grandes debates, o *Pai* porta em si um lugar – falido por excelência com a contemporaneidade. É possível encontrar uma resposta conceitual sobre o substantivo *Pai* pela via do que se nomeia de como *estrutura psíquica*; idéia que aparece na chamada “primeira clínica de Lacan”, na qual o Nome-do-Pai é o operador *princeps*. O pai de “Totem e tabu”, de Freud, foi o grande álbi edificado pela psicanálise que revisitou a antropologia; o conceito funciona como operador lógico e arquitetura fundamental para pensar e questionar as leis sociais. O que Rassial expõe em seu primoroso trabalho é algo que ultrapassa este pensamento e caminha mais emparelhado com o que é denominado de “segunda clínica de Lacan” – a clínica do gozo.

O estudo de Rassial é, assim, composto por quatro partes. A primeira realiza uma problematização sobre o termo estado limite; a segunda responsabiliza-se por três momentos nessa clínica não considerada nem neurótica, nem psicótica, sequer perversa. A saber: a inquietude, a pseudoperversão e o corpo em suas relações com o pensamento. Nesse trânsito, na terceira parte de seu texto, o autor enfrenta a topologia do *limite*, revisitando o clássico Homem dos lobos. Além disso, presenteia os leitores, como finalização de seu trabalho, com a psicopatologia do *Sinthoma* e com a teoria da gênese da estrutura.

*O clamar na clínica.* Os analisandos falam de suas dores atroz, de seus estados d’alma, de suas branduras e suas (in)suportabilidades. Cabe ao analista hipotetizar um diagnóstico sobre aquele que sofre para dirigir o tratamento. Mas há queixas que são pronunciadas nos divãs e que confundem as escutas, ressoam como trombetas e distanciam o psicanalista de saber sobre a verdade de cada qual. A clínica atual traduz novas subjetividades, sobretudo, carrega um corpo que clama por socorro e que invade os consultórios em pleno estado confusional. Rassial retoma da psiquiatria o termo *borderline* e transporta-o para a psicanálise a fim de delinear ou dar borda a estes casos ditos inclassificáveis, os tais estados limite (interseção da psicanálise e da psiquiatria). Uma das primeiras idéias defendida por ele é justificada pelo declínio da função paterna na contemporaneidade com a invasão daquilo que é incerto nas clínicas e que torna os diagnósticos obscuros.

Enquanto as clínicas se distanciam do pai da psicanálise – Freud – Rassial retorna ao famoso caso clínico do Homem dos lobos para discutir o conceito de estado limite. Quem não se recorda dos distúrbios psicossomáticos daquele analisando? E das aproximações alucinatórias, além de uma certa melancolização inerente ao ser? Uma reação terapêutica negativa, o diagnóstico de psicose de transferência e a famosa pane em sua análise. Nosso tecelão enfrenta esses temas trazidos pelo psicanalista vienense em inícios do século XX, produzindo um emblemático diálogo entre suas idéias, as de André Green e as de Freud. Flutuando na escrita, começa a delinear as novas psicopatologias a partir desse escrito clássico de 1918.

É decorrente de sua reflexão profunda, e matizada em prática clínica de muitos anos, que Rassial levanta duas abordagens necessárias para trabalhar o tema. De um lado, salienta a combinação semiológica específica; de outro, enfatiza a necessidade de uma psicopatologia diferencial para esses casos. Ao salientar a primeira abordagem, a dos aspectos semiológicos, o autor desenrola três vertentes que comumente aparecem nessa elaboração do sujeito atual, a saber: a combinação da angústia e da depressão, ou seja, o aumento contínuo das depressões atípicas; as condutas perversas, tanto da sexualidade como sociais; e os danos da imagem corporal, assim como os processos falhos de pensamento.

A caracterização do primeiro grupo: ansio-depressivo é o lugar aberto para o processo psicopatológico do estado limite, muito mais hipocondríaco do que histérico. A angústia produzida, conjugada com o *Pathos* (sofrimento) é posta no mesmo cenário que a depressão, representada pelo *Ethos* (habitual) e essas duas formas antagônicas de afeto e desafio acabam funcionando uma como defesa para a outra, obedecendo a mesma ordem. Ocorre que a castração da mãe surge ultrapassada na neurose, recusada na perversão e impossível na psicose, assumindo um aspecto de continuidade exercida no estado limite. Rassial comenta que, nesses casos, *a mãe primordial* (aquela convocada como identificação primária) é clamada constantemente; isso, inclusive, altera algumas posições do analista que precisa assumir esse lugar para sustentar os primeiros laços transferenciais com estes analisandos.

Um outro ponto de fronteira confusional com o estado limite é a perversão, sobretudo, a social. De difícil apreensão teórica e mais ainda complexa na clínica, o tema é questionado quanto à sua autenticidade ou às suas diferentes faces e máscaras. O autor enfatiza, contudo, as condutas perversas presentificadas rotineiramente em pacientes ditos *limite*. A conduta surgiria como uma elaboração secundária contra os efeitos da castração. Nesse cenário, o paciente, nomeado como pseudoperverso, tentaria reduzir o outro e o objeto a uma simples instrumentalidade; inversamente, seria ou estaria se colocando como instrumento da perversão do outro. Assim, poderia experimentar todas as perversões possíveis, não encontrando o estado de gozo nem em um lugar nem em outro, mas em todos os lugares possíveis. Nesse redemoinho, na ausência de um lugar para sua fixação, surge a pane subjetiva. A essa incursão, o ponto nodal é o laço social e seu endereçamento a uma perversão – *père-version* – versão do pai, questão central dessa polêmica clínica.

Há um terceiro aspecto catastrófico, o da constituição do pensamento e do corpo que avassala o sujeito e o posiciona diante de um *limite*. Em relação ao corpo, além de uma agitação incomensurável ocorre também um fracasso da construção narcísica que invade o Estádio do Espelho intensificando a encarnação da imagem do outro. Entre o ideal-do-eu e o supereu, a imagem do eu e seus determinantes simbólicos retornam ao posicionamento edípico e ao perpétuo nar-

cisismo adolescente, como uma reconstrução imaginária do corpo. Por um lado, é nesse último momento que há uma discordância entre o eu-ideal e o ideal-de-eu. Ocorre uma clivagem do corpo imaginário e do simbólico rechaçando o conflito do eu e provocando um estado adolescente prolongado, antecipado e interminável. Por outro lado, há a produção de uma pane do pensamento, uma indecisão avessa ao julgamento e produtora de uma renúncia social. Em vez do pensamento surgir em detrimento do ato, é este que tem preponderância no estado limite.

*A topologia do tempo.* O psicanalista francês aproxima-se de um debate árduo e inovador ao questionar a idéia de nó borromeano proposta por Lacan e seus elos de junção: Real, Simbólico e Imaginário, amarrados pelo *Sinthoma*. O autor insere mais uma volta de nó dentro do próprio nó borromeano, que acaba por denominar da noção de realidade, abandonada por Lacan. Sem essa outra amarração é impossível pensar no sujeito da atualidade submerso a um sistema capitalista e imerso em uma clínica sem *pai*. Sua apresentação desliza do nó borromeano ao nó trevo. Para esse passeio, o seminário de Lacan sobre Joyce (inédito) é seu ponto de ancoragem.

Nessa parte do texto, complexa por excelência, em que o rigor de Freud e Lacan é notado, Rassial caminha inúmeros passos ao propor uma topologia do estado limite. Para iniciar seu trânsito nessa nova construção, mergulha nos fundamentos da doutrina freudo-lacaniana com muita propriedade. Em especial percorre a idéia da clínica do Real em Lacan, levantando a hipótese de que esse ponto é fundamental no enfrentamento do *limite* e, conseqüentemente, depara-se com a temporalidade do *Sinthoma*. Antepõe os imperativos: real e realidade, declamando a importância do último elemento no recobrimento do primeiro.

São quatro as brechas deixadas pela clínica solicitando a idéia de *limite*. Em um primeiro tempo, Rassial propõe a idéia de *esquize*, separação decorrente do Real e do simbólico; posteriormente, haveria outra incursão que seria a nomeada de *intrapsíquica*, separação fundamental entre Simbólico e Imaginário. Esses dois primeiros momentos foram discutidos por Lacan em sua concepção e amadurecimento do nó borromeano; contudo, a novidade proposta pelo pesquisador do estado limite seria a de dois outros tempos topológicos: a *separação* entre Imaginário e realidade e, como quarta hipótese estipulada, uma espécie de “*afivelamento*” entre Real e realidade aconteceria. Esse modelo proposto não necessariamente é notório em todos os sujeitos; rotineiramente, uma dessas construções seria desatada ou mesmo fechada pelo elo do *Sinthoma*. Nessa última representação, a do fechamento é que o estado limite obteria sua constituição. O autor ainda recomenda que três questões sejam levantadas para a compreensão desse novo modelo: o conceito de estrutura psíquica; a idéia de escrita de um anel outro que não o Real, nem o Simbólico, nem o Imaginário; por último, a inserção e utilização do termo estado na clínica contemporânea. Todos esses aspectos são revelados na concepção do estatuto dinâmico do aparelho psíquico

e na própria dinâmica da construção do *Sinthoma*, sua operação assume a descrição de um estado.

Discutir a validade do uso do nó borromeano para apresentar a idéia de estrutura é fundamental para esse psicanalista. A representabilidade do nó é associada a uma cadeia e seu maior revelador seria o nó trevo. O quarto elo que amarra e oferece seu cadenciamento no nó borromeano – o *Sinthoma*, é o ponto de ancoragem para evitar a decomposição de um sujeito.

Um erro poderia acontecer na própria edificação dos nós, ter-se-ia então, o apagamento do nó no caso do trevo – o elo “flocularia” – e inevitavelmente, ocorrendo a decomposição do nó, confusões mentais surgiriam diante do modelo borromeano. A idéia discutida por Rassial é que esses erros poderiam autorizar novas configurações subjetivas e talvez cristalizar a idéia de *limite*; todavia, toda a questão estaria balizada na noção de *Sinthoma* que funcionaria como semblante de nodulação nesses estados.

A partir desta nova concepção topológica dos estados limite, algumas amarrações sobre essa clínica são delineadas. Uma delas é que o estatuto da conduta se sobrepõe à idéia de sintoma; outra é que há uma probabilidade de construção de um *Sinthoma* e suas clivagens; e, finalmente, ocorreria uma dobra do Real sobre a realidade funcionando como semblante de Simbólico no estado limite. Esse novo estado, nem estrutural, tampouco cristalizado, seria provisório e capturado no momento de passagem de uma estrutura primeira para uma segunda. O sujeito, diante e imerso num estado confusional, agarrar-se-ia ao fio que o deixaria na cadeia subjetiva, mas estaria fixado a algo, ou melhor, criaria uma dependência nesse contexto, como no caso das toxicomanias.

Outro ponto discutido por Rassial, a partir do Homem dos lobos, é a verossimilhança da fobia e das condutas perversas, produzindo um curto-circuito na cadeia significante e autorizando os sujeitos a um gozo singular. Defendendo essa idéia, ele aproxima os estados limite dos estados fóbicos e perversos, como estados da construção do *Sinthoma*. Eis sua primorosa tese.

*Um estado ético.* Como solução para o dilema desses casos clínicos, Rassial ainda propõe uma tônica na idéia de estado em detrimento da noção de estrutura. Não desprezando a segunda, privilegia a primeira como operador fundamental na atualidade da psicanálise. O que muda é o conceito de *Sinthoma* e não o de estrutura; os adolescentes apresentam notoriamente essas mudanças, almejam um desligamento do Outro transitando pelos *limites*. Logo, o diagnóstico de estado limite pode ser dividido em uma psicopatologia do *Sinthoma* e uma teoria geral das estruturas.

Rassial chega à questão de que não é a consideração estrutural que deve ser mudada na concepção de estado limite, já que o ponto central é o estado do *Sinthoma*. Existem elementos que servirão de molas propulsoras da produção

do deslizamento desse estado, a saber: o ato do psicanalista; um acontecimento dito traumático e o *encontro-vizinhança* entre o ato e o acontecimento.

Toda sua tese não é inserir a idéia de estado limite em uma das três estruturas psíquicas, tampouco considerar esse estado uma quarta possibilidade estrutural ou mesmo substituí-lo pela idéia de perversão; mas é a de inserir nos vocabulários psiquiátrico, psicológico e psicanalítico esse conceito para melhores revisitações no estatuto do *Sinthoma*.

A construção do *Sinthoma* é autônoma da estrutura, é um momento lógico, assim como o do estado limite. Logo, o estado limite é um estado do *Sinthoma*. Nesse estado, finaliza Rassial, discutindo que é possível ocorrerem duas panes no sujeito: a primeira, seria no adolescente; a segunda, originária dos maus encontros. Quanto ao estado adolescente, idéias seriam focos desse acontecimento: o corpo, a foboperversão e momentos maníaco-depressivos marcariam o declínio dos *nomes do pai*; enquanto em relação aos maus encontros, ter-se-ia: os efeitos paradoxais da cura; o traumatismo do adulto e os encontros amorosos.

Rassial propõe que nesses casos o psicanalista deve inventar continuamente a teoria e a prática analíticas. Três pontos centrais dessa invenção seriam: a análise serviria como guardião do Nome-do-Pai; o enquadre seria substituído pela idéia de dispositivo passível de metamorfose; e a interpretação, questão ética da psicanálise, visaria à realidade e não mais ao objeto e ao significante.

Compactuo da idéia do autor quando conclui seu texto em tom provocativo, convocando os analistas a irem aos limites da prática e da teoria, assim como se indagarem subjetivamente para poderem escutar o sofrimento do sujeito da atualidade, este no *limite*... É preciso um tempo, não o cronológico, mas lógico, para chegar lá.

A partir de sua vasta experiência com a clínica do adolescente, as tessituras sobre o estado limite foram apresentadas e ampliadas como um alerta para pensar as novas doenças d'alma, concluindo que o sujeito em estado limite, escutado pelo analista, deve passar de uma teoria *restrita* a uma teoria generalizada da *adolescência*.

As amarrações, que o autor alinhava, são de grande propriedade e fundamentação teórico-clínica. Portanto, enfrentar a nomeada segunda clínica de Lacan, lugar em que os conceitos são explicitados de maneira densa, é um trabalho árduo. Com um rigor incontestável, Rassial transita por essas idéias e insere considerações particulares sobre os modelos propostos por Lacan. Nesse momento do texto, as articulações estavam condensadas e requeriam do leitor um conhecimento profundo de topologia.

O valor da captura da clínica da atualidade que Rassial propõe é de uma sutileza e brandura fundamentais aos psicanalistas.